

DE HOMINE ET MULIER – DIALOGUS CREATURARUM

Francisco de Assis Florencio (UERJ)

ff017066@gmail.com

RESUMO

Pretendemos, com este trabalho, traduzir, analisar e discorrer sobre como a mulher era vista na Idade Média a partir do *dialogus* CXXI, da obra *Dialogus Creaturarum Optime Moralizatus*, impressa por Gerard Leeu de Gouda e publicada em 1480. Esta obra, classificada como um bestiário, foi inspirada por três obras da Antiguidade Clássica: as fábulas de Esopo, as fábulas de Fedro e o *Physiologus* de Aristóteles. Os bestiários, cujo nome é oriundo do *Physiologus*, se distinguiam deste por abordar um número maior de animais, adicionar imagens e mudar a natureza da mensagem a ser aprendida. Quanto à forma, eles se dividiam em mensagem, imagem e moral. Por volta do século XIV, eles se ampliaram e livros como o *Dialogus Creaturarum* e o *Liber Creaturarum* reuniram em seu conteúdo material proveniente dos bestiários e das fábulas. O *Dialogus Creaturarum* continha cento e vinte e duas fábulas e houve pelo menos treze edições antes de 1500.

Palavras-chave: Mulher. *Dialogus Creaturarum*. Idade Média.

1. Introdução

Durante a Idade Média, Fedro e sua obra foram pouco a pouco sendo esquecidos e suas fábulas passaram a circular na forma de prosa e, por desconhecimento do verdadeiro autor, sob o pseudônimo de *Romulus*. Assim pouco ou quase nada se sabia sobre a vida e a obra de Esopo. No século XIV, no entanto, Maximus Planudes, responsável também pela redescoberta da *Antologia Grega*, publicou uma coleção de fábulas e uma biografia de Esopo. A principal fonte de Planudes foi uma coleção de duzentas e vinte fábulas escritas em grego por Babrius nos primórdios da era cristã. As fábulas de Babrius foram usadas, durante a Idade Média, como material de apoio ao ensino de retórica.

A fábula é, em sua essência, uma forma simples de alegoria, cuja ênfase está nas atividades de animais que são levados a se comportar como seres humanos. Ao enfatizar a moral e a história, a personificação e a caricatura dos animais, ela nos permite vislumbrar, de maneira resumida e simples, a descrição do caráter humano.

O *Physiologus*, obra grega escrita provavelmente no século II d. C. em Alexandria, por um autor desconhecido, foi produzida com base nas descrições de animais feitas por Aristóteles e Plínio e acrescida de dese-

nhos e de comentários moralizantes. Foi esta obra que deu origem, no século XII, aos bestiários. Os nomes destes vêm da primeira linha do *Physiologus: Bestiarum Vocabulum*. O bestiário amplia o número de animais, adiciona mais imagens, muda a natureza da mensagem a ser passada para seus leitores e apresenta exortações éticas baseadas em passagens bíblicas. Assim, ele funcionava como um livro de fábulas e a obra da qual o texto em estudo foi retirado, *Dialogus Creaturarum*, combinava material oriundo dos bestiários e das fábulas.

Os diálogos desta obra tratam, em sua maioria, de conversas entre animais, mas este, em especial, trata da visão medieval sobre o homem e a mulher. É claro que esta sai em desvantagem, pois, para o homem medieval, a mulher é um ser inferior e, como tal, deve ser tratada e definida. Para tanto, nesta obra, em particular, o autor busca, no pensamento filosófico e religioso, argumentos para defender o ponto de vista medieval sobre a mulher.

2. Texto

2.1. De Homine et Muliere

Homo est, secundum philosophum, mens incarnata, fantasma temporis, speculator vitae, mancipium mortis, transiens viator, loci hospes, anima laboriosa, parui temporis habitaculum. Mulier est, secundum philosophum, hominis confusio, insatiabilis bestia, continua sollicitudo, indeficiens pugna, humanum mancipium et viro continenti naufragium. Prout quidam vir castus et immaculatus quandoque habere voluit colloquium mulieris et familiaritatem in qua illectus et illaquetus sigillum castitatis quandoque amisit attendens autem ad dulcedinem verbi illius et intuens pulchritudinem faciei eius dissipatus est dicens propter mulieres fracti multi sunt et vulnerati. Unde ait quidem peccati forma femina est et mortis condicio Jeronimus, janua diaboli, via iniquitatis, scorpionis percussio nocivumque genus est femina. Idem gladius igneus est species mulieris. Memento quod Thamar a fratre suo sit corrupta; memento semper quod paradisi colonum de possessione sua eiecit mulier. Quid fortius Sampson? Quid sapientius Salomone? Quid sanctius David? Omnes hii per feminas subuersi sunt. Eccle. XXV, xxxiii: "A muliere initium factum est peccati. Et per illam homines moriuntur". Unde antiqui ab ipsis se continuerunt. Prout narrat Vegetius libro ii De continentia Alexandri quod cum esset ei virgo eximiae pulchritudinis tradita cuidam principi desponsata. Summa abstinentia pepercit ut nec aspiceret sed ad sponsum remisit. Qua remissa mulieris ac principis mentes sibi reconciliavit. Cui simile narrat Valerius libro iii, capitulo iii, De Scipione dicens quod cum intellexisset quod virgo eximiae formae cuidam nobili desponsata esset inter obsides qui erant apud Cartaginem, postquam Cartago fuit ab ipso capta vocatis parentibus a sponso inuolotam virginem eis tradidit et aurum quod pro redemptione puellae oblatum erat virgini in dotem sine marito in mínus nupcialie dedit per

quam continentiam et munificentiam animos illorum sibi applicuit. De mira etiam continentia Xenocratis philosophi narrat Valerius eodem capitulo dicens quod apud Athenas quidam iuvenes promiserunt cuidam mulieri impudice pecuniam sibi dare si animum philosophi posset ad luxuriam inflectere. Quae nocte veniens iuxta eum accubuit nec in aliquo eius continentiam laefecit et deridentibus adolescentibus quod animum illius flectere non potuisset respondit quod non iuxta hominem sed iuxta statuam accubisset.¹ Vocavit enim philosophum statuam propter immobilem eius continentiam.

2.2. Tradução

O homem é, segundo o filósofo, uma mente incarnada, um fantasma do tempo, especulador da vida, escravo da morte, viajante passageiro, hóspede de sua própria morada, alma laboriosa, habitação de um curto espaço de tempo. A mulher é, segundo o filósofo, uma confusão do homem, uma besta insaciável, uma inquietação contínua, um difícil combate, um escravo humano e ruína do casto varão. Como o casto e imaculado varão quis, certo dia, conversar com a mulher e ser amigo dela, cercado e seduzido por ela, perdeu o selo de sua castidade; atentando, porém, para a doçura de suas palavras e olhando para a beleza de sua face, foi destruído e é por isso que se diz: “Por causa das mulheres, muitos homens se tornaram fracos e vulneráveis”. Em razão disso, São Jerônimo diz: “A forma do pecado é a mulher (O pecado tem a forma de mulher) e a origem da morte, a porta do diabo, o caminho da iniquidade, a picada de um escorpião e a mulher é, finalmente, uma espécie nociva”. Até uma espada de fogo é uma espécie de mulher. Lembra-te que Tamar foi corrompida pelo seu irmão, lembra-te sempre que a mulher lançou fora o colono de sua possessão, o paraíso. Quem é mais forte que Sansão, quem é mais sábio que Salomão e quem é mais santo que Davi. Todos estes foram derrotados pelas mulheres. (Segundo) Eclesiástico 25:33: “Da mulher vem o início do pecado e por causa dela os homens morrem”. E é por isso que os antigos se mantiveram afastados delas. Como narra Vegécio no seu segundo livro “Sobre a continência de Alexandre”: quando certa virgem de extraordinária beleza foi trazida a sua presença (de Alexandre), a qual já estava prometida a certo príncipe, ele passou por uma longa abstinência para que não olhasse para ela, mas a devolveu ao esposo. Por tê-la devolvido, reconciliou os corações do príncipe e de sua mulher. Um caso semelhante a este nos conta Valério em seu terceiro livro, capítulo três, “Sobre Cipião”, dizendo que como percebesse que uma virgem de exímia beleza estivesse prometida a um nobre, os quais estavam entre os prisioneiros de Cartago, depois que Cartago foi capturada por ele, tendo chamado os pais do esposo, entregou-lhes a virgem inviolada e o ouro, que lhe havia sido oferecido pela redenção da jovem, devolveu a virgem, ainda sem marido, como dote, presente de casamento; por meio desta continência e desta

¹Embora o texto disponível no *googlebooks* seja “ad hominem sed ad statuam prexisset”, optamos por alterá-lo devido à dificuldade em encontrar a forma verbal “prexisset”, que, provavelmente, é uma forma composta do verbo “exire”. A escolha que fizemos não foi de forma aleatória, pois nos baseamos no texto de *Valerius Maximus*, onde aparece o verbo *accumbere*.

generosidade, conquistou os corações deles. Sobre a admirável continência do filósofo Xenocrates também nos fala Valério, no mesmo capítulo, dizendo que, em Atenas, alguns jovens prometeram dar dinheiro a certa mulher impudica, caso ela conseguisse levar o espírito do filósofo para a luxúria. Vindo ela, à noite, deitou-se ao seu lado, mas de modo algum abalou a continência dele e aos jovens que queriam caçoar dele respondeu que não conseguira dobrar o seu espírito porque não havia se deitado com um homem, mas sim com uma estátua. Chamou, pois, o filósofo de estátua por causa da sua imóvel continência.

2.3. Comentários

A expressão *secundum philosophum*, que aparece tanto no início da definição do homem, quanto no início da definição da mulher, leva-nos a pensar em quem seria este filósofo. Graças principalmente à presença de “*Mulier est hominis confusio*” foi possível identificá-lo. Trata-se de *Secundus*, o Silencioso, um filósofo cínico que viveu no século ii a. D. e recebeu este epíteto porque, ao voltar para casa, de onde saíra criança, já adulto, barbudo e cabeludo, não foi reconhecido por sua mãe. Como tivesse como propósito provar que toda mulher era uma prostituta (*omnis mulier meretrix*), ofereceu dinheiro a sua mãe para que ela dormisse com ele. No dia seguinte, sem que ele a tivesse tocado durante a noite, ele se revelou. Ela, envergonhada por ter dormido com o próprio filho, enforcou-se. Arrependido dos seus atos e de suas palavras, o filósofo decidiu permanecer em silêncio pelo resto da vida. Certo dia, o imperador Adriano, curioso em conhecê-lo, a ele se dirigiu e ordenou que falasse, caso contrário seria executado. Como se recusasse, como um bom filósofo cínico, o imperador deu-se por vencido e não insistiu mais. Por fim, o filósofo concordou não em falar, mas em responder por escrito a vinte perguntas feitas pelo Imperador. Dentre estas perguntas, encontrava-se a definição de mulher. Vincent de Beauvais, um escritor medieval, tomou de empréstimo esta série de perguntas e respostas, conforme ele mesmo confessa, da obra *Gesta Secundi Philosophi*. Este tratado, que mais frequentemente aparece com o título, *Altercatio Hadriani Augusti et Secundi philosophi*, foi amplamente conhecido na Idade Média. Além de Vincent de Beauvais, a história do filósofo Secundo e sua conversa com Adriano foram retomadas a partir do *Altercatio* por muitos outros compiladores medievais, tais como: Walter Burley of Oxford, em sua obra *Liber de Vita et Moribus Philosophorum*, O *Interpolator*, das *Crônicas* de Roger de Hoveden e na obra que ora trabalhamos.

A passagem *Mulier est hominis confusio* é frequentemente encon-

trada fora do seu contexto como um trecho isolado da sabedoria monástica. Seu emprego, porém, passou a ter valor satírico em muitos manuscritos, como ocorre na obra *The Canterbury tales*, de Chaucer. Segundo o *The Nun's Priest's Tale*, o galo, após acordar de um pesadelo, no qual havia sido devorado por um animal que não conseguira reconhecer, vai a sua galinha favorita e pede-lhe conselhos sobre o sonho, pois estava muito assustado. Ela lhe disse que deixasse de ser covarde e que sonhos eram apenas visões sem significado algum. Ele reluta, mas finalmente se rende e, diante de tamanha beleza, pronuncia a célebre frase latina “*Mulier est hominis confusio*”, que traduz como “A mulher é a alegria do homem, toda sua felicidade”. Eis aí o sarcasmo, pois ao traduzir errado, ele estava, sem querer, prevendo o perigo iminente: uma raposa que, em vão, tentaria devorá-lo.

Retomando a expressão *secundum philosophum*, percebemos que, no que diz respeito ao homem, Secundus o vê como um ser passageiro, um verdadeiro estrangeiro na terra e cuja única certeza é a morte. Pensamento este já bastante familiar, tanto ao mundo clássico quanto ao pensamento judaico-cristão. Vejamos o que disse Horácio sobre a brevidade da vida: *pulvis et umbra sumus* (Od. 4, 7,16); o texto bíblico reforça este pensamento com o seguinte versículo: *quia pulvis es et in pulverem reverteris* (Gên 3:19).

A visão do filósofo cínico da mulher vai, portanto, ao encontro do pensamento medieval. Segundo este, a mulher é inferior ao homem e fonte de todas as suas desgraças. É por isso que muitos autores deste período recorrem a esse filósofo. Se já não bastasse ter recorrido a um autor pagão para reforçar os seus argumentos, o texto recorre também a um autor cristão digno de toda credibilidade, São Jerônimo.

Quanto às duas primeiras declarações (*peccati forma femina est et mortis condicio*), não identificamos em que texto de Jerônimo elas se encontram. Já o trecho *janua diaboli, via iniquitatis, scorpionis percussio nocivumque genus est femina* se encontra em sua *Epistola ad Oceanum* (Epistola XXX). A descrição que ele faz, aqui, da mulher é de um ser altamente perigoso para o homem, pois, segundo o seu entendimento, ela personifica o pecado, sendo, por isso, a porta que o conduz ao diabo, o caminho da sua perdição, chegando, por fim a compará-la a um animal peçonhento.

Tomando como base ainda o autor da *Vulgata*, a obra em estudo recorre a outro texto dele: Epistola xxii ad Eustochium, Paulae filiam:

Vis scire ita esse, ut dicimus? Accipe exempla: Samson leone fortior et saxo durior, qui et unus et nudus mille persecutus est armatos, in Dalilae mollescit amplexibus. David secundum cor Domini electus, et qui venturum Christum sanctum saepe ore cantaverat, postquam deambulans super tectum domus suae, Bethsabee captus est nuditate, adulterio junxit homicidium. Ubi, et illud breviter attende, quod nullus sit, etiam in domo, tutus aspectus. Quapropter ad Dominum poenitens loquitur: «Tibi soli peccavi, et malum coram te feci» (Psal. 50. 5). Rex enim erat, alium non timebat. Salomon, per quem se cecinit ipsa Sapientia, qui disputavit a cedro Libani usque ad hyssopum, quae exit per parietem, recessit a Domino, quia amator mulierum fuit. Et ne quis sibi de sanguinis propinquitate confideret, illicito Thamar sororis Amnon frater exarsit incendio.

Ao cotejar-se os dois textos, vê-se claramente que o autor de *De Homine et Muliere* se inspirou no texto de Jerônimo para compor a sua obra. Se trabalharmos em pares, temos, respectivamente:

*Thamar a fratre suo sit corrupta
Thamar sororis Amnon frater exarsit incendio; Quid fortius Sanpstone?
Samson leone fortior; Quid sapientius Salomone?
Salomon, per quem se cecinit ipsa Sapientia; Quid sanctius David?
David secundum cor Domini electus.*

Para reforçar ainda mais o seu argumento, o autor recorre a uma passagem bíblica, contida em Eclesiástico 25.33, livro apócrifo para os evangélicos e deuterocanônico para os católicos. Esse versículo, fora do contexto bíblico, dá a entender que foi a mulher que transmitiu à humanidade o germen do pecado, mas outras passagens bíblicas, em especial a 2ª Carta aos Coríntios 11.3 e 1ª a Timóteo 2.14, dizem apenas que ela foi seduzida pela serpente, mas não que foi responsável pela transmissão do pecado à humanidade ou que, por causa dela, a morte nos alcançou. Em Romanos 5.12, o apóstolo Paulo mais uma vez se pronuncia: “... por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens...” Vale lembrar que “homem” aqui não significa “ser humano”, mas sim “varão”, sendo, portanto, uma referência explícita a Adão em oposição a Cristo. Deve-se ressaltar ainda que o pensamento judaico, como um todo, em relação à mulher não é o apresentado nesta obra, pois não são poucas as vezes em que a mulher é elogiada: Gênesis 3:15, O Senhor diz à serpente que da mulher virá a descendência que lhe esmagará a cabeça; em Provérbios 31:10-31, é-nos apresentado o tipo de mulher digna de elogio e louvor e cujo atributo principal é “o temor ao Senhor”. Ao voltarmos para Novo Testamento, encontraremos Jesus quebrando paradigmas ao conversar com uma mulher em público e, mais grave ainda para o povo a que ele pertencia, uma mulher samaritana. Vejamos o espanto dos discípulos com esta

atitude: “Eles se admiraram que ele estivesse conversando com uma mulher” (João 4. 27). Paulo, mesmo que sejamos forçados a reconhecer o seu ascetismo sexual, a sua preferência pelo celibato e pela abstinência e, com eles, o conselho para que outros cristãos sigam seus passos, não tem como ir contra as Escrituras e reconhece a necessidade do casamento e, o mais importante, como a mulher deve ser tratada pelo marido: “Vocês, maridos, amem a suas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela” (Ef. 5.25). Embora no versículo anterior a este diga que a esposa deve ser submissa ao marido, fica evidente que a submissão maior é a do marido, pois ele deve amar a sua mulher acima de tudo e de todos. Ele também não vê o sexo dentro do casamento como algo pecaminoso, sujo, mas como alguma coisa necessária para a felicidade do casal e cuja abstinência, nessa situação, mostra-se perigosa: “Não se privem um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para se dedicarem à oração e, novamente, se ajuntarem para que Satanás não tente vocês por causa da sua incontinência”. (I Cor 8:5)

Para fugir da tentação que é a mulher, o texto sugere a “continência”. A *continentia* é o controle-próprio no sentido de perseverança, firmeza ou abstinência, principalmente o autocontrole dos desejos sexuais. O autor passa a citar, então, exemplos clássicos de homens renomados que resistiram à tentação e, por isso, servem de modelo para aqueles que querem levar uma vida de ascetismo sexual. O primeiro exemplo ele vai buscar em *Vegetius*, escritor romano do quarto século, que conta a história de Alexandre Magno, que, mesmo diante de uma bela virgem, conteve-se e a devolveu intacta a seu futuro marido; o segundo exemplo vem das anedotas históricas de *Valerius Maximus*, e o varão que serve de modelo é Cipião, que, após conquistar Cartago, diante de uma lindíssima virgem, assim como Alexandre, não ousou tocá-la, devolvendo-a imaculada a sua família²; o terceiro exemplo é o filósofo Xenocrates que, para resistir aos impulsos sexuais, praticava a autoflagelação. Embora seu nome não seja revelado aqui, a mulher contratada para seduzir o filósofo foi uma prostituta conhecida por Phryne, que, como pudemos ver, fracassou na sua tentativa. (*Ibidem*, 4. 3. ext. 3)

² *Factorum et dictorum memorabilium*, 4.3.1

3. Conclusão

Vimos que o pensamento medieval a respeito da mulher é bastante negativo e pejorativo e que, para corroborá-lo, o texto em estudo, altamente influenciado pelo pensamento religioso de então, não se limita a buscar exemplos na Bíblia e em autores cristãos – em particular São Jerônimo –, mas vai beber também na cultura greco-latina: filosofia – um filósofo cínico, Secundus, e um platonista, Xenocrates; exemplos de grandes homens: Alexandre e Cipião, ambos retratados por autores latinos. Conforme deixamos claro em nossos comentários, o texto, como testemunho histórico, é de grande valia, mas, com certeza, não condiz com os verdadeiros ensinamentos e valores cristãos apresentados por Jesus e levados aos gentios pelo apóstolo Paulo sobre como as mulheres devem ser vistas e tratadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SACRA. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>.

BROWN, Carleton. *Mulier est hominis confusio*. *Modern Language Notes*, vol. 35, n. 8, p. 479-482. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1920.

CHAUCER, Geoffrey. *The Canterbury tales*. Edited by Robert Boening and Andrew Taylor. USA: Broadview Press, 2012.

Dialogus Creaturarum moralisatus.

Disponível em: <<https://books.google.com>>.

DU FRESNE, Charles. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*.

Disponível em: <<https://books.google.com>>.

HORACE. *Odes and Epodes*. Edited and translated by Niall Rudd. Cambridge: Loeb Classical Library, 2004.

JEROME. *Select letters*. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

MAXIMUS, Valerius. *Factorum et dictorum memorabilium libri novem*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>.

PERRY, Ben Edwin. Secundus: The Silent Philosopher. In HANSEN, William. (Ed.). *Anthology of Ancient Greek Popular Literature*. Indiana University Press, 1998.

RENATUS, Flavius Vegetius. *Epitoma rei militaris libri iii*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>.

SMITH, William; LOCKWOOD, John. *Chambers Murray Latin-English Dictionary*. Great Britain: Cambridge University Press, 1997.

The lives of ancient philosophers.

Disponível em: <<https://books.google.com>>.